



Tempo de misericórdia

Time of mercy

*Tarlei Navarro**

Recebido em: 13/05/2021. Aprovado em: 09/07/2021.

Resumo: *Este artigo busca refletir sobre a Teologia Espiritual do Amor-misericordioso, a partir de uma análise teológica de Lc 22,61-62, em que Pedro se encontra com Jesus e reconhece suas fraquezas humanas. É o recomeço de um homem a quem será confiado o cuidado e o zelo do Povo de Deus. Para Pedro, foi um encontro não somente marcado pelo choro amargo do arrependimento, mas também a oportunidade de se levantar e tornar-se um ícone de esperança para todos os discípulos de Jesus, homens e mulheres experimentados pela fraqueza e pelo pecado, mas confiantes de que a misericórdia divina é sempre maior do que qualquer fragilidade humana. Também queremos criar um diálogo entre o tema do amor misericordioso e a Igreja de hoje no ministério do Papa Francisco, que, constantemente, aborda a necessidade de sermos reformados pela conversão pessoal e comunitária, transformados em vasos novos, como fez o Senhor com o apóstolo Pedro, propondo um despertar para melhor amar e servir.*

Palavras-chave: *Arrependimento. Amor misericordioso. Teologia Espiritual. Igreja. Papa Francisco.*

Abstract: *The aim of this article is to reflect, from the spiritual and theological point of view, about the merciful love in, the theological scene of Lk 22: 61-62. This passage shows the encounter of Peter and Jesus after his denial, when he recognizes his human weaknesses. It is the beginning of a spiritual journey of this man to whom Jesus will entrust the care and zeal of the people of God. This encounter was, for Peter, not only a meeting marked by the bitter weeping of repentance, but also the opportunity to get up and become an icon of hope for all Jesus's disciples; men and women who had experienced weakness and sin, but were confident that divine mercy is always greater than any human fragility. We also want to create a dialogue between the theme of merciful love and the Church of today in the ministry of Pope Francis, who constantly addresses the*

* Mestre em Teologia Bíblica (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC-SP, São Paulo, SP, 2021). Graduado em Teologia (Faculdade Vicentina, FAVI, Curitiba, PR, 2017). Graduado em Teologia (Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, SP, 2004). Graduado em Filosofia (Instituto de Filosofia São Boaventura, IFSB, São Paulo, SP, 2000).

E-mail: pe.tarleinavarro@gmail.com



need to be reformed through personal and community conversion, transformed into new vessels, as the Lord did with the apostle Peter, proposing an awakening to better love and serve.

Keywords: *Repentance. Love merciful. Spiritual Theology. Church. Pope Francis.*

Introdução

Com este tema: “E saindo, chorou amargamente” (Lc 22,62), pretendemos aprofundar o quanto o pecador arrependido, aqui na figura do apóstolo Pedro, encontrou amparo e deu-nos testemunho de que foi “uma queda sanada por um olhar misericordioso”. O *Papa Francisco* tem tentado apresentar à Igreja esse semblante do amor misericordioso, lembrando-nos que Deus é misericórdia, e misericórdia é o primeiro atributo de Deus, ou seja, o nome de Deus.

Quanto mais viva a consciência da nossa miséria e do nosso pecado, quanto mais experimentamos o amor e a infinita misericórdia de Deus sobre nós, tanto mais somos capazes de estar perante os muitos “feridos” que encontramos em nosso caminho com um olhar de acolhimento e misericórdia. E, por isso, evitando a atitude de quem julga e condena das alturas de sua segurança, procurando um cisco no olho de outro sem se dar conta da vaga que está em seu próprio olho.¹

É necessário experimentar deste amor-misericordioso de Deus e a teologia diz que não é possível explicar este amor a quem nunca o sentiu e afirma também que quem o sentiu não necessita de explicação.² Portanto, o amor misericordioso supõe um encontro experiencial com Jesus e lembra-nos da nova experiência de vida de Pedro, marcada por grandes limitações humanas e selada por um novo recomeçar, agarrado nas entranhas da misericórdia de Deus e posto no caminho do servir.³

Importante também destacarmos que, ainda que teologia seja “ciência” no sentido corrente do termo, por outro lado, é necessário

¹ FRANCISCO. *O nome de Deus é misericórdia*. São Paulo: Planeta, 2016. p. 102-103.

² SHEED, F. J. *Teologia para todos*. Lisboa: Rei dos Livros, 1995. p. 24.

³ BENTO XVI. *Os apóstolos: uma introdução às origens da fé cristã*. São Paulo: Pensamento, 2008. p. 54.



recordarmos também que a teologia é uma ciência afetiva, ou seja, experiencial, sapiencial e espiritual.⁴

Sendo, portanto, essa teologia firmada na vivência com Cristo, requer transformações. “De fato, a ciência teológica, por ser ‘a fé que busca entender’, é o saber que mais compromete a vida e o destino de quem o pratica”.⁵ E nosso protagonista, o pescador da Galileia, inicia sua missão sendo provado e nos recordará com tristeza de suas infidelidades: “Mas quando Pedro se acha descoberto e suspeito de aderir ao grupo de Jesus, como Galileu, a coisa se torna perigosa e ele nega a sua qualidade de discípulo”.⁶ Por outro lado, nos dará esperança com seu arrependimento: “E o Senhor, voltando-se, pôs os olhos em Pedro, e Pedro se lembrou da palavra do Senhor, que lhe dissera: Antes que o galo cante hoje, tu me terás negado três vezes. Ele saiu e chorou amargamente” (Lc 22,61-62).

Isso, de fato, é uma adesão ao mistério, que pode ficar mais compreensível com a pronta conversão de Pedro. Essa adesão não provém somente de uma reflexão pessoal do discípulo, mas do encontro que ele teve com o Mestre, pois no momento em que o olhar de Jesus o fita, as transformações começam a surgir. O que nos interessa e interessou também à comunidade de Pedro é a sua mudança de vida. Assim, o apóstolo pecador, representante e guia de uma comunidade de pecadores, torna-se também o exemplo dos que se convertem.⁷

Seu arrependimento gerou mudança de vida e também reflexões, pois existem duas lições interessantes nessa cena de Lc 22,61-62. A primeira lição derruba os fortes, a decepcionante fragilidade da nossa natureza, e a segunda dá esperança aos fracos, pois Deus transformou a momentânea fraqueza do apóstolo num grande bem, que não é só para ele, mas também para todos nós, pois é a certeza de que Deus não se afasta nunca dos pecadores.⁸

O ato do arrependimento confirma que “é de santos, e não de executivos, que a Igreja precisa para responder às carências do homem”.⁹

⁴ BOFF, C. Teologia e espiritualidade: por uma teologia que ilumine a mente e inflame o coração. *Revista Pistis Práxis, Teologia Pastoral*, Curitiba, v. 7, n. 1, 2015. p. 116-117.

⁵ *Ibidem*. p. 118.

⁶ FABRIS, R.; MAGGIONI, B. *Os Evangelhos II*. 4. ed. São Paulo: Loyola, 2006. p. 226.

⁷ FABRIS, MAGIONI, 2006, p. 226.

⁸ CHEVROT, G. *Simão Pedro*. São Paulo: Quadrante, 1990. p. 170.

⁹ RATZINGER, J. *Compreender a Igreja hoje: vocação para a comunhão*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2005. p. 79.



Parmênides afirmava que “pensar e ser é o mesmo”.¹⁰ Esse pensamento vale para a teologia, pois quanto mais próximo de Deus está o teólogo, mais o entende, ou seja, existe uma conexão íntima entre eles, é o que podemos chamar de compenetração entre teologia e santidade.¹¹

A teologia tem a ver, finalmente, com a salvação derradeira da pessoa, portanto com sua realização ou frustração eternas. Daí exigir da pessoa não apenas uma mudança de ótica, mas uma transformação de vida. Sem isso, os olhos do teólogo permanecem velados. É somente pela conversão ao Senhor que o véu cai (2 Cor 3,16).¹²

Segundo Boff, a teologia deve estar associada à santidade. Prossegue afirmando o autor que assim com os chamados “Doutores da Igreja”, que nos mostram que a santidade era, para eles, a alavanca em que teologizavam, portanto, sua teologia era uma maneira de viver e de servir o Senhor e sua Igreja e este estilo de teologizar nunca perdeu o seu sentido e espaço na Igreja. Até mesmo a teologia monástica buscou a contemplação e também a corrente franciscana favoreceu a oração e a virtude e porque não citarmos também Santo Tomás de Aquino, que fazia teologia amparada em um contexto de fé viva e fervorosa? Vale recordarmos que também a teologia oriental nunca perdeu sua mística orante, ou seja, litúrgica, doxológica e eucarística, portanto, acreditamos que, em suma, a oração constitui a forma mais íntima da teologia.¹³

Precisamos, portanto, hoje, agregar a dimensão propriamente teológica da teologia espiritual, para que tenhamos uma teologia à altura de seu objeto e também à altura das demandas do tempo. Necessitamos de uma teologia integral, que seja tanto científica como experiencial, tanto luminosa como numinosa. A teologia precisa convencer com seu logos, mas também atrair com seu pathos. Em suma: ela deve encher a cabeça de luz e o coração de calor. Isso não é um reclamo puramente subjetivo ou conjuntural. Trata-se de uma exigência de seu objetivo: Deus não é só pra ser conhecido, mas também para ser amado e, finalmente, servido. Tal é a entelêquia da teologia, ou seja, seu desdobramento completo.¹⁴

¹⁰ BORNHEIM, G. A. *Os filósofos pré-socráticos*. 12. ed. São Paulo: Cultrix, 2003. p. 54.

¹¹ BOFF, 2015, p. 118.

¹² BOFF, 2015, p. 118.

¹³ BOFF, 2015, p. 123-130.

¹⁴ BOFF, 2015, p. 135-136.



Assim, a vida de Pedro segue seu caminho, marcada não somente por erros, mas também por acertos e vai guiar o povo à comunhão com Jesus mostrando que foi amado e que agora precisa tomar muitas iniciativas para que a rede não se rompa e que a comunhão perdure, pois está ciente de que, somente juntos, podemos estar com Cristo. É uma nova etapa assumida, que nos garante a comunhão com o amor de Jesus, da qual Pedro experimentou e que, agora, indica às pessoas o quanto é bom encontrar esse amor.¹⁵ E que fique disso uma lição para todos nós: “seja como for, não há teologia espiritual sem experiência espiritual”.¹⁶

Isso não significa que a teologia, ganhando em fervor espiritual, perca em rigor racional. Ao contrário: o rigor (precisão ou exatidão) da teologia cresce na mesma proporção em que cresce seu fervor. Como? É que o rigor teológico se confunde, em sua raiz, com o fervor. De fato, antes de ser teórico, o rigor teológico é existencial: é a adesão do coração fiel ao Mistério divino.¹⁷

1 A força do olhar misericordioso gera conversão

Hahn e Mitch nos fazem focar na força do olhar de Jesus: “pôs os olhos em Pedro” (Lc 22,61), que significa que “o olhar de Jesus provoca vergonha em Pedro por sua covardia. O choro amargo do apóstolo (Lc 22,62) marca o início de sua restauração”.¹⁸

Verdadeiramente olhares que se cruzaram e, nesse momento, talvez Pedro quisesse abaixar a cabeça, mas não conseguiu afastar os olhos do Mestre que acabava de negar. Pedro conhecia muito bem os olhares do Senhor e os olhos do apóstolo denunciavam uma tristeza doce sem severidade, um olhar diferente que nunca seria esquecido por Pedro.¹⁹

Iniciam-se as mudanças, é o chamado processo de conversão, movido pelas lágrimas do apóstolo Pedro. Esta cena provoca a comunidade de Lucas e a nós também, pois vemos, neste episódio, uma atitude que se repete nas comunidades dos seguidores de Jesus, em todos os

¹⁵ BENTO XVI, 2008, p. 68.

¹⁶ BOFF, 2015, p. 136.

¹⁷ BOFF, 2015, p. 119.

¹⁸ HAHN, S.; MITCH, C. *O Evangelho de São Lucas: Cadernos de Estudo Bíblico*. Campinas: Ecclesiae, 2015. p. 120.

¹⁹ CHEVROT, 1990, p. 173.



tempos: o abandono ao Mestre nos momentos difíceis. Por outro lado, Lucas lembra-nos de que é necessário um olhar continuado para as ações de Pedro, que, depois do abandono, apresenta-nos o arrependimento e abre-nos um novo caminho de retorno a Jesus.²⁰

Em Pedro, vemos, portanto, uma espécie diferente de ameaça, ou melhor, de queda que, porém, não se torna deserção e pode, por conseguinte, ser sanada por meio da conversão.²¹ Um retorno de conversão só é possível pelo amor misericordioso do Senhor, que nos possibilita ver o semblante de Deus e encontrar caminhos novos e seguros para adentrarmos o Reino de Deus. Isso confirma-nos que Jesus quis, com cada gesto e palavra, transmitir-nos o que sempre teve dentro de si: os pecadores pertencem a Deus e Ele os ama apaixonadamente e, quando se cruza com eles, este momento se torna o encontro da misericórdia.²²

O mistério do amor de Deus gera salvação, faz florescer recomeços através do perdão e desperta a gratidão dos pecadores, pois estes se sentem acolhidos por Deus, não por seus méritos, virtudes, e sim pela grandeza de coração do Senhor, expressa na sua bondade. O reinado de Deus é concretizado e nos propõe praticar um novo jeito de viver, tendo como regra a força da misericórdia em forma de perdão e, assim, Jesus nos apresenta também uma nova maneira de viver, sempre com amor.²³

[...] O Mistério do Amor Salvador de Deus manifestado em Cristo Jesus. Portanto, a contribuição que o amor dá ao conhecimento não é material, mas formal: não faz conhecer outras coisas (alia), mas de outro modo (aliter). Quem ama não sabe mais do que quem só sabe. Sabe apenas de modo intenso. Trata-se aí sempre de saber, mas agora de um saber impregnado de amor: O ganho é de qualidade, não de quantidade.²⁴

Portanto, constatamos que Jesus não coloca os pecadores diante das tábuas da lei, mas diante da ternura e do amor-misericordioso de Deus. É esta a sua terapia pessoal usada com os considerados “perdidos”.

²⁰ OPORTO, S. G.; GARCÍA, M. S. *Comentário ao Novo Testamento*. São Paulo: Ave-Maria, 2006. p. 250.

²¹ RATZINGER, J. *Jesus de Nazaré: da entrada à Jerusalém até a ressurreição*. São Paulo: Planeta do Brasil, 2011. p. 73.

²² PAGOLA, J. A. *Jesus: aproximação histórica*. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2011. p. 176.

²³ PAGOLA, 2011, p. 182-183.

²⁴ BOFF, 2015, p. 120.



É amigo dos pecadores antes de vê-los convertidos, pois Deus é assim, sempre é d'Ele a iniciativa de começar a oferecer o seu perdão.²⁵

Assim, fica claro que, como fez Jesus com Pedro, Ele faz com todos os pecadores e justos, colocando-os diante do insondável perdão de Deus. A todos é oferecido o Reino de Deus: somente se excluem aqueles que não aceitam refugiar-se no seu infinito amor-misericordioso, pois tudo agora está confiado ao mistério do perdão de Deus.²⁶ A mensagem de Jesus é clara e categórica: Amai vossos inimigos, fazei o bem aos que vos odeiam. É possível viver essa atitude? O que se nos está pedindo? Podemos amar o inimigo?²⁷

Realmente, são verdadeiras as dificuldades que encontramos ao ouvir este chamado de Jesus: “Amai vossos inimigos, fazei o bem aos que vos maldizem”, porém é oportuno lembramos que a iniciativa primeira é d'Ele e quando se tem a experiência de ser perdoado por Deus, adentramos o mistério do amor que é capaz de operar milagres.²⁸

*Tornai-vos imitadores de Deus [...] e andai no amor como Cristo vos amou e se entregou por vós (Ef 5,1). Seguir a Cristo significa aceitar a essência interna da cruz: o amor radical que se exprime nela, imitando assim a Deus que se revelou na cruz como aquele que se consome a si mesmo, que renuncia a sua glória, para existir por nós; que não quer governar o mundo pelo poder, mas por amor, revelando, na impotência da cruz, o seu poder que procede de modo tão diverso do proceder do poder dos poderosos deste mundo. Portanto, seguir a Cristo significa amar como Deus amou.*²⁹

2 A força do perdão

Já disseram que o cristão perdoa porque se sente perdoado por Deus e é bem verdade que perdoamos porque temos consciência de que vivemos do perdão de Deus. Esse gesto, muitas vezes heroico, nasce da gratuidade, portanto, não exige absolutamente nada e de nada exige,

²⁵ BOFF, 2015, p. 251.

²⁶ BOFF, 2015, p. 252.

²⁷ PAGOLA, J. A. *O caminho aberto por Jesus*: Lucas. Petrópolis: Vozes, 2012. p. 110-111.

²⁸ PAGOLA, 2012, p. 112.

²⁹ RATZINGER, J. *Dogma e anúncio*. São Paulo: Edições Loyola, 2007. p. 126-127.



pois somente se perdoa quando o amor se torna vencedor, não havendo, portanto, nenhuma condição imposta.³⁰

Verificar-se-á que a força deste perdão é um privilégio teológico, totalmente firmado na misericórdia de Deus, que deseja o retorno de todos os seus filhos e filhas à casa do Pai e, por isso, nos enviou Jesus (Lc 5,32; 19,9s). Assim, Jesus realiza sua missão (Lc 4,19), reconhecendo os nossos pecados, mas apresentando-nos as entranhas da sua misericórdia.³¹

Tudo isso provém de um novo entendimento de Deus revelado por Jesus. Vem das figuras humanas como a do semeador, do Pai amoroso que acolhe o filho perdido, do pastor em busca da ovelha desgarrada, da dona de casa que tempera a comida com sal e amassa o pão com fermento e de outros afazeres cotidianos. No fundo, essas imagens apresentadas por Jesus querem nos afirmar que Deus se preocupa com o ser humano e nunca força ninguém a ser d'Ele, mas não perde as oportunidades para nos atrair para a comunhão de vida n'Ele. Esse é o Deus que sempre convida e espera.³²

*Deus escolhe um caminho diferente. Deus escolhe o caminho da transformação dos corações no sofrimento e na humildade. E nós, como Pedro, precisamos converter-nos, sempre de novo. Devemos seguir Jesus e não ir adiante dele: é Ele que nos mostra o caminho.*³³

Esse belo e repetido discurso de Jesus sobre o amor misericordioso, o perdão, a acolhida, a ajuda aos pobres, está inserido em dois grandes preceitos do povo judeu: o amor a Deus e o amor ao próximo, que é a síntese da lei. Aqui é importante destacar que se um preceito, uma norma, uma regra vão contra ou não estão firmados no amor, tornam-se vazios, perdidos e sem sentido, pois não edificam e, muito menos, santificam algo, não constroem a vida em Deus.³⁴

Nesse sentido, nunca é demais destacarmos que perdoar é amar, pois este amor incentiva recomeços de vida, já que “o perdão, portanto, teria o caráter de restauração, seria um retorno da autossuficiência, do

³⁰ RATZINGER, 2012, p. 113.

³¹ MONASTERIO, R. A.; CARMONA, A. R. *Evangelhos Sinóticos e Atos dos Apóstolos*. 2. ed. São Paulo: Ave-Maria, 2000. p. 319.

³² LIBÂNIO, J. B. *Linguagens sobre Jesus: de Cristo carpinteiro à Cristo cósmico*. São Paulo: Paulus, 2013. p. 66.

³³ BENTO XVI, 2008, p. 57.

³⁴ PAGOLA, 2011, p. 305-306.



próprio lugar na comunidade”.³⁵ E isso tudo acontece pelo “importante gesto de Jesus, que novamente aponta e leva ao arrependimento e à salvação”.³⁶

*O perdão não é fruto dos nossos esforços, mas uma dádiva, um dom do Espírito Santo, que nos enche do lavacro de misericórdia e de graça que brota incessantemente do coração aberto de Cristo crucificado e ressuscitado.*³⁷

No mundo mediterrâneo do primeiro século, o perdão de Deus tinha o mesmo valor que recuperar a própria posição social. Ser libertado do medo de perda nas mãos de Deus e o perdão da parte dos outros era uma reintegração à vida comunitária, caso fosse perdida pela censura dos amigos, vizinhos ou autoridades. Então, isso significa que a acusação tinha e tem a força de destruir, acabar com uma pessoa, ao passo que o perdão tinha e tem o poder de restaurar o ser humano.³⁸

*A escola da fé não é uma marcha triunfal, mas uma jornada marcada diariamente pelo sofrimento e pelo amor, pelas provações e pela fidelidade. Pedro, que havia prometido fidelidade absoluta, conhece a amargura e a humilhação da negação: o homem arrogante aprende a difícil lição da humildade. Pedro também deve aprender que é fraco e que precisa de perdão. Quando finalmente sua atitude muda e ele compreende a verdade do seu fraco coração de pecador que crê, prorrompe num pranto de arrependimento libertador. Depois desse pranto ele está finalmente pronto para a sua missão.*³⁹

Um dos mais belos hinos da Liturgia das Horas, composto por Santo Ambrósio, convida-nos também a pedir esse olhar de Cristo que nos faz merecer o perdão: “Jesus, olha-nos quando sucumbimos, pois o teu olhar no levanta”. Olha-nos, assim como olhou para Pedro. O olhar de Cristo é um olhar divino que entra em nossa alma. “Se nos olhas,

³⁵ MALINA, B. J.; ROHRBAUGH, R. L. *Evangelhos sinóticos: comentário à luz das ciências sociais*. São Paulo: Paulus, 2017. p. 447.

³⁶ AGUIRRE, R.; BERNABÉ, C.; GIL, C. *Guías de lectura de los evangelios de Mateo, Marcos e Lucas*. Villatuerta: Editorial Verbo Divino, 2014. p. 234.

³⁷ FRANCISCO. *Misericordiae Vultus: Bula de Proclamação do Jubileu Extraordinário da Misericórdia*. Brasília: Edições CNBB, 2015. p. 40.

³⁸ MALINA, B. J.; ROHRBAUGH, R. L., 2017, p. 448.

³⁹ BENTO XVI, 2008, p. 61.



apagam-se as nossas culpas, caem como escamas, e as lágrimas que o teu olhar faz brotar dos nossos olhos purificam-nos das nossas culpas”.⁴⁰

*Os padres da Igreja ensinam que esse coração despedaçado é a oferenda mais agradável a Deus. É o sinal de que estamos conscientes do nosso pecado, do mal que fizemos da nossa miséria, da nossa necessidade de perdão, de misericórdia.*⁴¹

3 O amor-misericordioso nos possibilita a humildade

Pedro deve aprender na escola da humildade. Esse encontro ocorre às margens do lago de Tiberíades. O diálogo de amor e arrependimento entre Jesus e Pedro é narrado pelo evangelista João.⁴² Depois de comerem, Jesus disse a Simão Pedro: “Simão, filho de João, tu me amas mais do que estes? Ele lhe respondeu: “Sim, Senhor, tu sabes que te amo”. Jesus lhe disse: “Apascenta meus cordeiros”. Pela segunda vez, disse-lhe: “Simão, filho de João, tu me amas?” – Sim, Senhor”, disse ele, “tu sabes que te amo”. Disse-lhe Jesus: “Apascenta minhas ovelhas”. “Pela terceira vez, lhe disse: “Simão, filho de João, tu me amas?” Entristeceu-se Pedro porque, pela terceira vez, lhe perguntara: “Tu me amas?” e lhe disse: “Senhor, tu sabes tudo; tu sabes que te amo”. Jesus lhe disse: “Apascenta minhas ovelhas” (Jo 21,15-17).

Em grego, o verbo “filéo” exprime amor da amizade, terno, mas oníbrangente, ao passo que o verbo “agapáo” significa o amor sem reservas, total e incondicional. Jesus pergunta a Pedro a primeira vez: “Simão... tu me amas (agapás-me) com este amor total e incondicional? Antes da experiência da traição, o apóstolo certamente teria dito: “eu te amo (agâpo-se) incondicionalmente”. Agora que conheceu a tristeza da infidelidade, o drama da própria fraqueza, diz com humildade: “Senhor, tu sabes que te amo (filô-se)”, isto é, “Eu te amo com o meu pobre coração humano”. Cristo insiste: “Simão, tu me amas com este amor total que eu quero?” E Pedro repete a resposta do seu humilde amor humano: “Kyrie, filô-se” – Senhor, eu te amo como sei amar. Na terceira vez, Jesus diz a Simão somente: “Fileís-me? – “Tu me amas?”. Simão compreende que esse seu pobre amor é suficiente para Jesus, o único de que é capaz e, no entanto, se entristece porque Jesus lhe fez três vezes a

⁴⁰ CHEVROT, 1990, p. 174.

⁴¹ FRANCISCO. *O nome de Deus é misericórdia*. São Paulo: Planeta, 2016. p. 64.

⁴² MALZONI, C. V. *Evangelho segundo João*. São Paulo: Paulinas, 2018. p. 318.



*mesma pergunta. Por isso, responde: “Senhor, tu sabes tudo; tu sabes que te amo (filô-se)”.*⁴³

Quanto conforto nos é dado meditando sobre esse diálogo de Jesus e de Pedro. Não somos nós agora, neste momento, o pecador perdoado que não deve se atrever a formular promessas de fidelidade depois de tantas quedas? É necessário tomar por testemunha da nossa dedicação ao Reino o próprio Senhor, que conhece profundamente as nossas infidelidades: Senhor, tu sabes tudo; tu sabes que te amo.⁴⁴

Fica claro que é o amor o trampolim que move tudo e leva Pedro a uma relação viva com Jesus Ressuscitado e nos conduz ao mistério cristão, pois quem experimenta esse amor misericordioso, quem é amado por Jesus pode entender a fé cristã.⁴⁵

*Etimologicamente, misericórdia significa abrir o coração ao miserável. E vamos logo ao Senhor: misericórdia é a atitude divina que abraça, é o doar-se de Deus que acolhe, que se dedica a perdoar. Jesus disse que não veio para os justos, mas para os pecadores. Não veio para os sadios, que não precisam de médico, mas para os doentes. Por isso, pode-se dizer que a misericórdia é a carteira de identidade do nosso Deus. Deus de misericórdia. Deus misericordioso [...].*⁴⁶

Sendo assim, a fé cristã é uma experiência do amor-misericordioso de Deus, experimentado em Jesus Cristo, quando adentrado em nosso pensar, querer, agir e em todo nosso viver. Soma-se a isso o pensamento de *Rahner* que nos confirma que não tem dúvidas ao afirmar que somente podemos crer em Jesus Cristo “na suposição de que queiramos amá-lo e tenhamos ânimo para abraçá-lo”.⁴⁷

À medida que o apóstolo Pedro vai tomando consciência da necessidade do amor, Jesus vai lhe abraçando, confiando-lhe seu rebanho

⁴³ MALZONI, 2018, p. 61-62.

⁴⁴ CHEVROT, 1990, p. 186.

⁴⁵ PAGOLA, J. A. *O caminho aberto por Jesus*: João. Petrópolis: Vozes, 2013. p. 263.

⁴⁶ FRANCISCO, 2016, p. 37.

⁴⁷ PAGOLA, 2013, p. 264. Rahner, em sua cristologia, vê a necessidade de um complemento para o estudo da chamada “cristologia ontológica”, através do que ele chama “cristologia existencial”, que consiste nessa relação entre o cristão e Jesus Cristo. RAHNER, K. *Curso fundamental da fé*. São Paulo: Paulus, 2008. p. 360.



para que ele zele, cuide, alimente e ame o Povo de Deus, a começar pelos mais pobres e necessitados: os cordeiros.⁴⁸

Então, é perceptível a unidade entre o conhecimento e o amor que, fundados no ser humano, confirma-nos que não é propriamente a inteligência que entende e o coração que ama, mas o ser humano por inteiro que entende e ama, necessariamente, através da inteligência e do coração, construindo uma teologia especulativa e afetiva.⁴⁹

Reconhecemos que o conhecimento bíblico passa pelo coração, pois para a Sagrada Escritura, o coração é, por excelência, o órgão do conhecimento, já que é o coração que pensa: “Seu coração não conheceu os meus caminhos” (Sl 94,10) ou “Os pensamentos de seu coração subsistem de idade em idade” (Sl 32,11). No Novo Testamento, o grande enfatizador do amor para o conhecimento de Deus é São João: “Quem ama é nascido de Deus e conhece a Deus. Quem não ama não conhece a Deus, porque Deus é amor” (1Jo 4,6-7). De fato, devemos nos questionar se Deus é amor. Como alguém pode dizer que realmente o conhece sem estar em união com Ele por meio do amor? Evidentemente que não é o amor que conhece, mas sim a inteligência informada pelo amor.⁵⁰

Esse amor que deve ser impulsionado para a humildade, pois é preciso curvar-se e pedir perdão e só os humildes permitem matar o orgulho, já que “assim como é impossível construir um navio sem pregos, também não pode ser feliz uma pessoa sem humildade”.⁵¹

Nesse sentido, é oportuno recordarmo-nos o quanto será bom, antes de fechar os olhos e despedirmo-nos deste mundo, sabermos despir-nos de nossos erros e de tantas estupidezes, para nos abirmos humildemente ao mistério de um Deus amoroso-misericordioso que nos espera feliz, ainda que muitos possam nos chamar de covardes, fracos, tolos, cegos e ingênuos.⁵²

⁴⁸ PAGOLA, 2013, p. 265.

⁴⁹ BOFF, 2015, p. 121.

⁵⁰ BOFF, 2015, p. 122-123.

⁵¹ GRÜN, A. *O livro da arte de viver*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2004. p. 105.

⁵² PAGOLA, 2013, p. 268.



3.1 A Igreja precisa de corações encharcados no amor-misericordioso

Existe uma frase latina que é muito citada entre os católicos: *Ecclesia semper reformanda*,⁵³ a Igreja sempre necessita de reforma. Sabe-se, portanto, dentro da Igreja, o quanto é grande o abismo entre a mensagem anunciada e a miséria humana dos escolhidos para o anúncio do Evangelho. Ainda que o juízo da história tenha sido rigoroso acerca dessas deficiências humanas, dos pecados dos escolhidos, estes nunca foram obstáculo à difusão do Evangelho e da propagação da misericórdia divina.⁵⁴

Queremos, com isso, mostrar a vitalidade da Igreja, apesar de nossas limitações humanas, e clamar por reformas também nas suas estruturas internas, já que a Igreja é e deve ser sempre reformada, mas não passar por uma reforma qualquer e sim promover a mudança pelos corações no amor misericordioso de Jesus. A Igreja sempre clamou pela conversão, prova disso é a mudança na fórmula latina na qual a liturgia romana fazia o celebrante pronunciar, em cada missa, a oração: “Senhor Jesus Cristo, não olheis os meus pecados, mas a fé da tua Igreja”. E essa fórmula foi mudada do eu ao nós: “não olheis os nossos pecados”.⁵⁵

*Portanto, todos nós na Igreja, sem nenhuma exceção, precisamos confessar-nos pecadores, invocar o perdão e colocar-nos no caminho de uma verdadeira reforma. Reformas que busquem mudanças pessoais e coletivas, de onde desapareça, na medida do possível, aquilo que é nosso e apareça melhor o próprio Cristo.*⁵⁶

Conta-se um exemplo belo de São Boaventura, que se inspirando na imagem do escultor, explica-nos o caminho pelo qual o homem deve tornar-se ele próprio. O grande teólogo nos diz que o trabalho do

⁵³ Segundo Barrero o tema da *“Ecclesiae semper reformanda”* é particularmente caro à consciência protestante. Também lembra-nos que este termo gerou interpretações extremadas, e que tirando esses excessos, a necessidade de conversão, da renovação e da reforma permanentes está presente na consciência da Igreja Católica. BARRERO, A. *Igreja, povo santo e pecador*. Estudo sobre a dimensão eclesial da fé cristã, a santidade e o pecado na Igreja, a crítica e a fidelidade à Igreja. São Paulo: Loyola, 2001. p. 118.

⁵⁴ RATZINGER, J. *A fé em crise?* O Cardeal Ratzinger se interroga. São Paulo: EPU, 1985. p. 32-33.

⁵⁵ RATZINGER, 1985, p. 33.

⁵⁶ RATZINGER, 1985, p. 34-35.



escultor é uma “*ablatio*”: elimina aquilo que é indevido. Assim também nós devemos deixar Deus ser o nosso “*ablatio*”, ou seja, nosso escultor, libertando-nos de todas as escórias que encobrem seu autêntico semblante em nós.⁵⁷

Sim, acredito que este é o tempo da misericórdia. A Igreja mostra o seu rosto materno, o seu rosto de mãe à humanidade ferida. Não espera que os feridos batam à sua porta, vai à procura deles pela rua, acolhe, abraça, cuida, e faz com que sintam amados. [...] Estou cada vez mais convencido de que isto é um Kairós; a nossa época é um kairós de misericórdia, um tempo oportuno. Abrindo o Concílio Ecumênico Vaticano II, São João XXIII disse que a “Esposa de Cristo prefere usar o remédio da misericórdia em vez de empunhar as armas do rigor” [...].⁵⁸

Francisco lembra-nos que Deus é misericordioso, que não descuidava de nenhuma oportunidade, e nos espera de braços abertos, por isso precisamos correr ao seu encontro como o filho pródigo. Assim, “já é um começo suficiente para que a graça possa atuar e a misericórdia seja concedida, de acordo com a experiência de uma Igreja que não se concebe como uma ‘alfândega’, mas procura todos os caminhos possíveis para perdoar”.⁵⁹

A propósito, diz Jesus: “Misericórdia quero, e não o sacrifício. Com efeito, eu não vim chamar os justos, mas os pecadores”. (Mt 9,13). Com essa fala, Jesus confirma que a regra de vida de seus discípulos deverá ser aquela que prevê o primado da misericórdia. Assim, a misericórdia se revela como dimensão fundamental da missão de Jesus.⁶⁰

Uma antiga tradição da Igreja de Roma conta que o apóstolo Pedro, saindo da cidade para escapar da perseguição de Nero, viu que Jesus caminhava em sentido contrário e em seguida lhe perguntou: “Senhor, aonde vais?”. A resposta de Jesus foi: “Vou a Roma para ser crucificado de novo”. Naquele momento, Pedro compreendeu que tinha de seguir o Senhor com coragem, até o fim, mas entendeu, sobretudo, que nunca estava sozinho no caminho; com ele estava sempre aquele que o havia amado até morrer. “Vejam Jesus com sua Cruz que percorre nossas ruas e carrega nossos medos, nossos problemas, nossos sofrimentos,

⁵⁷ RATZINGER, 2005, p. 79.

⁵⁸ FRANCISCO, 2016, p. 34-35.

⁵⁹ FRANCISCO, 2016, p. 26.

⁶⁰ FRANCISCO, 2016, p. 29.



também os mais profundos”. Com a Cruz, Jesus se une ao silêncio das vítimas da violência, que já não podem gritar, sobretudo os inocentes e os indefesos; com a Cruz, Jesus se une às famílias que estão em dificuldade, e que choram a trágica perda de seus filhos... Com a Cruz, Jesus se une a todas as pessoas que passam fome... Com a cruz, Jesus está junto de tantas mães que sofrem ao ver seus filhos vítimas de paraísos artificiais, como a droga. [...] Na Cruz de Cristo está o sofrimento, o pecado do homem, também o nosso, e Ele acolhe tudo com os braços abertos, carrega nas nossas costas nossas cruces e nos diz: “Coragem! Não a leve sozinho. Eu a levo contigo e eu venci a morte e vim para te dar a esperança, para te dar a vida” (Jo 3,16).⁶¹

Na Bula de Proclamação do Jubileu Extraordinário da Misericórdia, Francisco afirmou que: “que a palavra do perdão possa chegar a todos e a chamada para experimentar a misericórdia não deixe ninguém indiferente”.⁶²

É o chamado do Senhor à conversão pastoral, que é o exercício da maternidade da Igreja, que gera, amamenta, faz crescer, corrige, alimenta e conduz pela mão. Sendo assim, é importante lembrar que faz falta uma Igreja capaz de redescobrir as entranhas maternas da misericórdia. Se retirarmos a misericórdia, teremos pouca chance de adentrarmos este mundo de feridos, que gritam por sua necessidade de compreensão, perdão e amor.⁶³

A demonstração que entendemos está no nosso comportamento de amor e misericórdia. Basta observarmos o comportamento de Jesus diante das fragilidades de Pedro, que mesmo traindo o Senhor, recebeu D’Ele não somente o perdão, mas a confiança. Para Jesus, realmente não importou o pecado de Pedro: porque o Senhor procurava era o coração.⁶⁴

3.2 Uma Igreja simples e pobre

Uma lição que a Igreja deve recordar é a de que não pode se afastar da simplicidade, pois se isso ocorrer, ao contrário, afasta-se do

⁶¹ FRANCISCO. *Palavras do Papa Francisco no Brasil*. São Paulo: Paulinas, 2013. p. 64-65.

⁶² FRANCISCO, 2015, p. 27.

⁶³ FRANCISCO, 2013, p. 104.

⁶⁴ TORNIELLE, A.; AGASSO JR, D. *Conselhos de um Papa amigo: palavras do Papa Francisco que ajudam a viver melhor*. Cachoeira Paulista: Canção Nova; Aparecida: Santuário, 2017. p. 43.



ministério. Muitas vezes perdemos aqueles que não nos entendem, porque desaprendemos a simplicidade e a pobreza original, se seguirmos a proposta de uma Igreja atraente.⁶⁵

Uma Igreja pobre e para os pobres está no centro das preocupações e orientações pastorais de Francisco e é a marca evangélica mais característica de seu ministério pastoral. [...] Pobre no jeito de ser (simplicidade e austeridade no modo de vida e nas expressões simbólico-rituais, despojada dos privilégios e das seduções de poder) e comprometida com os pobres (proximidade física dos pobres e defesa de seus direitos, prioridade pessoal).⁶⁶

Para haver uma reforma, é necessário começá-la por nós e talvez seja necessário questionarmos se somos ainda uma Igreja capaz de aquecer coração, uma Igreja capaz de conduzir as pessoas a Jerusalém. Somos capazes de acompanhar as pessoas de novo a casa? Em Jerusalém, lembra-nos o Papa Francisco, que é lá que residem as nossas fontes: a Escritura, Catequese, Sacramentos, Comunidade, amizade com o Senhor, Maria e os apóstolos... É importante perguntar-nos se somos ainda capazes de contar de tal modo com essas fontes que despertem o encanto pela sua beleza.⁶⁷

A sua burocratização, através de métodos de gestão supostamente profissionais e muito prometedores, torna-se amiúde uma carga adicional e obscurece o rosto humano da Igreja. Por isso, é importante que aquele que, em razão do ministério que desempenha, representa a Igreja para fora e atua em seu nome dê profundidade e conteúdo à sua existência humana e espiritual, se identifique com a missão eclesial sem contradizê-la com a sua vida, pense, sinta e atue com a Igreja. Só em virtude de um testemunho verdadeiro e vivo de Cristo pode-se tornar viva a sua mensagem; e, por isso, a sua Igreja, uma missionária. O dinamismo da evangelização se desenvolve a partir da coragem e da força espiritual para formular as grandes perguntas existenciais das pessoas.⁶⁸

Francisco propõe um projeto de retorno à simplicidade das origens. É um apelo às pessoas para que possam aderir a viver o Evangelho como

⁶⁵ FRANCISCO, 2013, p. 91.

⁶⁶ AQUINO JR, F. de. *Igreja dos pobres*. São Paulo: Paulinas, 2018. p. 9.

⁶⁷ *Ibidem*. p. 98-99.

⁶⁸ AUGUSTIN, G. *Por uma Igreja em "saída": impulsos da Exortação Apostólica Evangelii Gaudium*. Petrópolis: Vozes, 2018. p. 113.



as primeiras comunidades, servindo a sociedade e de maneira especial aos mais pobres.⁶⁹

Não podemos escapar às palavras do Senhor, com base nas quais seremos julgados: se dermos de comer a quem tem fome e de beber a quem tem sede; se acolhermos o estrangeiro e vestirmos quem está nu; se reservamos tempo para visitar quem está doente e preso (Mt 25,31-45). De igual modo ser-nos-á perguntado se ajudamos a tirar da dívida, que faz cair no medo e muitas vezes é fonte de solidão; se fomos capazes de vencer a ignorância em que vivem milhões de pessoas, sobretudo as crianças desprovidas da ajuda necessária para se resgatarem da pobreza; se nos detivemos junto de quem está sozinho e aflito; se perdoamos a quem nos ofende e rejeitamos todas as formas de ressentimento e ódio que levam à violência; se tivemos paciência, a exemplo de Deus que é tão paciente conosco; enfim se, na oração, confiamos ao Senhor os nossos irmãos e irmãs. Em cada um destes “mais pequeninos”, está presente o próprio Cristo.⁷⁰

3.3 A Igreja agradece às mulheres e pede às famílias que sejam fonte de misericórdia

Importante lembrarmos que o *Papa Bento XVI* pediu por uma renovação que valorizasse o papel da mulher em nossas comunidades. Recordava-nos de que o testemunho das mulheres não pode ser esquecido e, em primeiro lugar, citou o exemplo da Virgem Maria, cuja fé e dedicação materna colaboraram de modo único para a nossa Redenção. Citou ainda o exemplo tão significativo das mulheres que seguiram Jesus para prestarem o serviço possível, dentre elas Lucas preservou alguns nomes: Maria Madalena, Joana, Susana e muitas outras. Ainda destacou ser significativo que à Maria Madalena Santo Tomás de Aquino reservou este belo título de “apóstola dos Apóstolos”.⁷¹ Nessa mesma direção, Francisco nos faz um pedido para não reduzirmos o empenho das mulheres na Igreja e que este seja o apelo de promover a presença

⁶⁹ SOUZA, A. A experiência como chave de concretização e continuidade da Igreja de Francisco. *Revista Perspectiva Teológica*, Belo Horizonte, v. 49, n. 2, 2017. p. 386.

⁷⁰ FRANCISCO, 2015, p. 23.

⁷¹ BENTO XVI, 2008, p. 203-204. Bento XVI lembra-nos que a Maria Madalena Santo Tomás de Aquino reserva o título singular de “Apóstola dos Apóstolos” (apostolorum apostola), e recorda-nos ainda este belo comentário do santo dedicado a ela: “Como uma mulher havia anunciado ao primeiro homem palavras de morte, assim também uma mulher foi a primeira a anunciar aos Apóstolos palavras de vida” (Tomás de Aquino, Super Ioannem, Ed. Cai, 2019). In: BENTO XVI, 2008, p. 204.



delas em nossas comunidades, pois elas possuem um papel fundamental na transmissão da fé e constituem uma força que faz evoluir a sociedade e constantemente a renova. Reforça que, se a Igreja perde as mulheres, na sua dimensão global e real, ela corre o risco de ficar estéril.⁷²

*A Igreja rende graças por todas e cada mulher... A Igreja rende graças por todas as manifestações do “gênero” feminino que apareceram no curso da história, no meio de todos os povos e nações; ela agradece todos os carismas que o Espírito Santo distribui às mulheres na história do Povo de Deus, todas as vitórias que ela deve à sua fé, esperança e caridade: agradece por todos os frutos da santidade feminina.*⁷³

A necessária renovação também não pode perder de vista o valor da família, que é célula essencial para a sociedade e para a Igreja.⁷⁴ Francisco recorda que “o matrimônio é o ícone do amor de Deus, o que não exclui o fato de, na vida matrimonial, existirem tantas dificuldades”.⁷⁵

*Hoje há uma guerra mundial para destruir o casamento, não se destrói com armas, mas com ideias. Existem colonizações ideológicas que o destroem. Portanto, maridos e mulheres precisam estar prontos a se defender das colonizações ideológicas, se há problemas, e fazer as pazes o mais cedo possível antes que o dia termine.*⁷⁶

Francisco afirma que a família é o hospital mais próximo: quando estamos doentes é ali que encontramos a cura. Isso tudo, indica-nos que a família é a primeira escola da criança, é o ponto de referência para os jovens, é o melhor lar para os idosos. Evidentemente que a família é a primeira escola da misericórdia, porque ali somos amados e aprendemos o quanto é necessário amar, ali se é perdoado e se aprende o quanto é essencial perdoar.⁷⁷

3.4 Sacerdotes misericordiosos

Ao lembrar-nos do amor, Ratzinger destaca que “quem ama, deseja conhecer. Por isso, do verdadeiro amor a Cristo brota o desejo de conhecê-lo

⁷² FRANCISCO, 2013, p. 105.

⁷³ BENTO XVI, 2008, p. 207.

⁷⁴ BENTO XVI, 2008, p. 104.

⁷⁵ TORNIELLE; AGASSO JR, 2017, p. 74.

⁷⁶ TORNIELLE; AGASSO JR, 2017, p. 82.

⁷⁷ FRANCISCO, 2016, p. 125.



sempre melhor”. Sendo assim, é importante lembrarmo-nos de que o amor a Cristo está associado ao amor à Igreja, portanto não podemos procurar um Cristo inventado ou construído por nós mesmos. É, pois, na verdadeira comunhão com a Igreja que encontramos Jesus Cristo, por isso é necessário ter prontidão em amar a Igreja, vivendo com ela e servindo o Senhor dentro dela, somente dessa maneira o nosso relacionamento com Jesus será profundo e sereno. É o que confirma São Gregório Magno aos sacerdotes: “é amando que eles aprendem aquilo que anunciam ensinando”.⁷⁸

Se não formarmos ministros capazes de aquecer o coração das pessoas, de caminhar na noite com elas, de dialogar com as suas desilusões, o que poderemos esperar para o caminho presente e futuro? Não é verdade que Deus se tenha obscurecido nelas. Aprendamos a olhar mais profundamente: falta quem lhes aqueça o coração, como sucedeu com os discípulos de Emaús (Lc 24,32).⁷⁹

Por isso é importante a promoção de uma formação que desperte e crie pessoas capazes de ir ao encontro do outro, mesmo na escuridão, sem medo de se perder, sendo capazes de cuidar e ouvir a ilusão de muitos, sem se deixar seduzir. É necessário que haja formandos que acolham as desilusões de tantos irmãos e irmãs, sem desespero ou amargura e que saibam que não é suficiente uma vaga prioridade de formação, nem somente documentos e encontros. A situação atual exige uma formação presbiteral qualificada em todos os níveis.⁸⁰

É preciso haver formação diferenciada que possa unir a mensagem ao convite de Jesus para o discipulado, pois segui-lo é estabelecer com Ele uma comunidade de vida, que também podemos chamar de uma comunidade de missão, onde possa haver abertura de partilhas e concretizar a construção do Reino de Deus.⁸¹

Francisco, assim, convoca todos os membros da Igreja a sair, convida-nos a ser missionários da alegria (EG, 20). Pede que consagrados e leigos saiam em missão e isso, evidentemente, se trata de uma nova orientação missionária eclesial. Essa visão representa uma mudança de perspectiva, trata-se de ser Igreja em saída, ou seja, sair denota pôr-se em marcha pelo chamado do Senhor. A saída depende da nossa disposição

⁷⁸ RATZINGER, 2005, p. 72.

⁷⁹ FRANCISCO, 2013, p. 101.

⁸⁰ FRANCISCO, 2013, p. 101-102.

⁸¹ AUGUSTIN, 2018, p. 17.



em colocar-nos a caminho, é o apelo a servir no caminho que se faz caminhando. Essa saída tem de ser entendida como uma mudança radical em direção a Jesus Cristo.⁸²

*Por isso, o momento presente exige uma nova espiritualidade missionária, na qual, enraizados no amor e nele fundados, nos apropriemos existencialmente da longitude, largura, altura e profundidade da riqueza de Cristo, para que possamos encontrar na mensagem dele o sentido de sua vida e o cumprimento de seu anseio.*⁸³

4 Conclusão

Este artigo traz para nós propostas e reflexões de uma teologia do amor-misericordioso que não fica somente nos conceitos, mas também na experiência do encontro com Cristo. É a prática transformadora da Palavra de Deus que gera novos homens e mulheres e, assim, transformam suas comunidades de fé. Isso só será possível através do encontro com a ternura de Cristo. Assim, as reformas não devem ocorrer somente nos templos, casas, salões, bens materiais da Igreja, que oportunamente são necessários, mas, acima de tudo, que seja mudado o interior dos batizados, que se encharquem desse amor-misericordioso de Jesus e sejam lapidados durante a vida.

Certamente que foi esta escola de Jesus que mudou o apóstolo Pedro e que quer mudar cada um de nós. Para isso, é preciso perceber a força do mandamento maior que, através de nós, continuará a promover sérias e precisas mudanças. Será sempre uma queda sanada por um olhar de amor-misericordioso. Estejamos atentos, pois todos nós nos deparamos com este olhar de Jesus bondoso e que, encontrando-o, possamos transmiti-lo da mesma forma que fomos transformados por Ele. Acreditamos muito nessa definição de amor misericordioso e, por isso, terminamos lembrando-nos de que “a melhor maneira de expressar o relacionamento que se tenta transmitir com o termo misericórdia seria a frase ‘amor-misericordioso’. O amor misericordioso de Deus pela humanidade é, portanto, o tipo de amor que os seres humanos devem ter uns pelos outros”.⁸⁴

⁸² AUGUSTIN, 2018, p. 25.

⁸³ AUGUSTIN, 2018, p. 103.

⁸⁴ ANDRADE, A. L. P. de; MORAIS, A. L. N. de. Viu, sentiu compaixão e cuidou dele (Lc 10,33-34). In: *Revista Encontros Teológicos*, Florianópolis, v. 34, n. 3, 2019. p. 432.



Referências

- AGUIRRE, Rafael; BERNABÉ, Carmem; GIL, Carlos. *Guias de lectura de los evangelios de Mateo, Marcos e Lucas*. Villatuerta (Navarra): Editorial Verbo Divino, 2014.
- ANDRADE, Aíla Luzia Pinheiro de; MORAIS, Augusto Lívio Nogueira de. Viu, sentiu compaixão e cuidou dele (Lc 10,33-34). *Revista Encontros Teológicos*, Florianópolis, v. 34, n. 3, p. 421-434, 2019.
- AQUINO JR, Francisco de. *Igreja dos pobres*. São Paulo: Paulinas, 2018.
- AUGUSTIN, George. *Por uma Igreja “em saída”*: impulsos da Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*. Petrópolis: Vozes, 2018.
- BARRERO, Álvaro. *Igreja, povo santo e pecador*: Estudo sobre a dimensão eclesial da fé cristã, a santidade e o pecado na Igreja, a crítica e a fidelidade à Igreja. São Paulo: Loyola, 2001.
- BENTO XVI. *Os apóstolos*: uma introdução às origens da fé cristã. São Paulo: Pensamento, 2008.
- BÍBLIA de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2008.
- BOFF, Clodovis. Teologia e espiritualidade: por uma teologia que ilumine a mente e inflame o coração. *Revista Pistis Praxis, Teologia Pastoral*, Curitiba, v. 7, n. 1, p. 113-141, 2015.
- BORNHEIM, Gerd. A. *Os filósofos pré-socráticos*. 12. ed. São Paulo: Cultrix, 2003.
- CHEVROT, Georges. *Simão Pedro*. São Paulo: Quadrante, 1990.
- FABRIS, Rinaldo; MAGGIONI, Bruno. *Os Evangelhos II*. 4. ed. São Paulo: Loyola, 2006.
- FRANCISCO. *Caminhar com Jesus*: o coração da vida cristã. 1. ed. São Paulo: Fontanar, 2015.
- FRANCISCO. *Misericordiae Vultus*: Bula de Proclamação do Jubileu Extraordinário da Misericórdia. Brasília: Edições CNBB, 2015.
- FRANCISCO. *O nome de Deus é misericórdia*. São Paulo: Planeta, 2016.
- FRANCISCO. *Palavras do Papa Francisco no Brasil*. São Paulo: Paulinas, 2013.
- GRÜN, Anselm. *O livro da arte de viver*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2004.



HAHN, Scott; MITCH, Curtis. *O evangelho de São Lucas*: Cadernos de estudo bíblico. Campinas-SP: Ecclesiae, 2015.

LIBÂNIO, João Batista. *Linguagens sobre Jesus*: de Cristo carpinteiro a Cristo cósmico. São Paulo: Paulus, 2013.

MALINA, Bruce John; ROHRBAUGH, Richard L. *Evangelhos sinóticos*: comentário à luz das ciências sociais. São Paulo: Paulus, 2017.

MONASTERIO, Rafael Aguirre; CARMONA, Antonio Rodrigues. *Evangelhos Sinóticos e Atos dos Apóstolos*. 2. ed. São Paulo: Ave-Maria, 2000.

MALZONI, Cláudio Vianney. *Evangelho segundo João*. São Paulo: Paulinas, 2018.

OPORTO, Santiago Guijarro; GARCÍA, Miguel Salvador. *Comentário ao Novo Testamento*. São Paulo: Ave-Maria, 2006.

PAGOLA, José Antônio. *Jesus*: aproximação histórica. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

PAGOLA, José Antônio. *O caminho aberto por Jesus*: Lucas. Petrópolis: Vozes, 2012.

PAGOLA, José Antônio. *O caminho aberto por Jesus*: João. Petrópolis: Vozes, 2013.

RAHNER, Karl. *Curso fundamental da fé*. São Paulo: Paulus, 2008.

RATZINGER, Joseph. *A fé em crise*: o Cardeal Ratzinger se interroga. São Paulo: EPU, 1985.

RATZINGER, Joseph. *Compreender a igreja hoje*: vocação para a comunhão. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

RATZINGER, Joseph. *Dogma e anúncio*. São Paulo: Loyola, 2007.

RATZINGER, Joseph. *Jesus de Nazaré*: da entrada em Jerusalém até a ressurreição. São Paulo: Planeta do Brasil, 2011.

SHEED, Frank J. *Teologia para todos*. Lisboa: Rei dos Livros, 1995.

SOUZA, Alzirinha. A experiência como chave de concretização e continuidade da Igreja de Francisco. *Revista Perspectiva Teológica*, Belo Horizonte, v. 49, n. 2, p. 375-397, 2017.

TORNIELLE, Andrea; AGASSO JR, Domenico. *Conselhos de um Papa amigo*: palavras do Papa Francisco que ajudam a viver melhor. Cachoeira Paulista-SP: Canção Nova e Aparecida-SP: Santuário, 2017.